 ISBN: 978-65-87289-08-3

Oficina - OF
32ª Reunião Brasileira de Antropologia - 32RBA

OF 01. Não deixe que o realismo te confunda: não queremos convencer ninguém. Ensaio etnográfico da Reunião Brasileira de Antropologia

Coordenador(es):
Patricia Reinheimer (UFRRJ)
Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP)

Ministrantes:
Sessão 1:
Vitor Pinheiro Grunvald (UFRGS)
Sessão 2:
Nathanael Araujo (UNICAMP)
Sessão 3:
Sophia Pinheiro

A crise da representação, desencadeada pela obra de Marcus e Clifford, colocou em xeque as raízes positivistas das ciências sociais ao questionar a cisão entre objetividade (ciência) e subjetividade (arte). A arte, que era admissível apenas como objeto de investigação, passou a ser tomada também como forma de apresentação e descrição de realidades sociais. A própria ideia de “registrar” ou “representar” seu tema ou seus sujeitos de pesquisa tem sido substituída, muitas vezes, pela ideia de “evocar”. Esse termo, usado por alguns autores para falar do objeto artístico, supõe que esses objetos desafiam seus espectadores no sentido de que é preciso investimento, desejo, trabalho interior de evocação para que seus sentidos se manifestem. Essa oficina pretende partir da ideia de “sensação-pensamento” como instrumento de compreensão para ultrapassar o limite das palavras e chegar a significados evocados no encontro dos sujeitos com a experiência do fazer antropologia. Ela se constituirá de dois encontros orientadores na produção de uma evocação, por meio de desenhos e fotos etnográficas organizados em um livro, as diversas dimensões desse congresso. O livro será encadernado manualmente por aqueles que quiserem levar uma cópia para casa. Essa produção poderá também, posteriormente, ser reproduzido em formato digital e distribuído gratuitamente pela ABA.

OF 02. Oficina com ensaios fotográficos e filmes selecionados do Prêmio Pierre Verger

Coordenador(es):
Tatiana Braga Bacal (UFRJ)

Ministrante:
Sessão 1:
Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama (UFRGS)

 ISBN: 978-65-87289-08-3

A crise da representação, desencadeada pela obra de Marcus e Clifford, colocou em xeque as raízes positivistas das ciências sociais ao questionar a cisão entre objetividade (ciência) e subjetividade (arte). A arte, que era admissível apenas como objeto de investigação, passou a ser tomada também como forma de apresentação e descrição de realidades sociais. A própria ideia de "registrar" ou "representar" seu tema ou seus sujeitos de pesquisa tem sido substituída, muitas vezes, pela ideia de "evocar". Esse termo, usado por alguns autores para falar do objeto artístico, supõe que esses objetos desafiam seus espectadores no sentido de que é preciso investimento, desejo, trabalho interior de evocação para que seus sentidos se manifestem. Essa oficina pretende partir da ideia de "sensação-pensamento" como instrumento de compreensão para ultrapassar o limite das palavras e chegar a significados evocados no encontro dos sujeitos com a experiência do fazer antropologia. Ela se constituirá de dois encontros orientadores na produção de uma evocação, por meio de desenhos e fotos etnográficas organizados em um livro, as diversas dimensões desse congresso. O livro será encadernado manualmente por aqueles que quiserem levar uma cópia para casa. Essa produção poderá também, posteriormente, ser reproduzido em formato digital e distribuído gratuitamente pela ABA.

OF 03. Encontros de fazeres dos profissionais em antropologia.

Coordenador(es):
Januaria Pereira Mello (INCRA e NEPAM/UNICAMP)

Ministrantes:
Sessão 1:
Breno Trindade da Silva (UnB-PPGAS)
Sessão 2:
Julia Marques Dalla Costa
Sessão 3:
Mariana Balen Fernandes (UFRB)

Objetivo: Considerando o contexto atual de ataques ao exercício e à prática profissional antropológica, a oficina se propõe a ser um espaço de debate e reflexão entre profissionais de antropologia de diferentes áreas de atuação, visando a proposição de ações e encaminhamentos de diretrizes para formalização de intersecções e sobreposições das áreas de atuação. A partir do debate desses atores, a oficina objetiva consolidar redes em âmbito nacional e regional no Brasil para fortalecimento dos objetivos da categoria profissional de antropologia, esperando assim colaborar para o aprofundamento do debate no cenário atual. Metodologia: Terá início com um breve histórico das discussões sobre atuação profissional no âmbito da ABA (Comitê de Inserção Profissional) e outras redes de coletivos de antropólogas/os (como a aProa e a rede do Sudeste). Pontuará desafios macro da prática profissional da antropologia, como eventos que marcaram pontos de inflexão nas discussões sobre os desafios e avanços da profissão: investigações parlamentares e judiciais, debate sobre regulamentação da carreira, concursos públicos, espaços conquistados, entre outros. Os inscritos serão divididos em grupos, a partir do perfil similar de atuação e discutirão em torno de perguntas orientadoras, que tocarão em questões como a descrição das dificuldades e dos avanços da prática antropológica, bem como possibilidades de ações, inclusive discussão sobre a regulamentação.

> **#meucirioeassim: questões da pesquisa sobre o Círio de Nazaré de Belém-PA e as mídias e redes sociais**

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Autoria: Mariana Pamplona Ximenes Ponte
Ao desenvolver a pesquisa sobre a Religiosidade Paraense a partir da Fresta-ritual do Círio de Nazaré de Belém-PA inesperadamente os rumos a partir da chuva evidente de dados impôs a inclusão de reflexões acerca das mídias e redes sociais como meios de práticas e modos de expressão cultural, devocional e identitária a partir dessa festa ora definida como Carnaval Devoto e que possui caráter Rizomático na cultura paraense. A proposta deste work é compartilhar reflexões, elaborações e questionamentos acerca da etnografia no campo das relações sociais intercedidas por meios eletrônicos, inclusive levantando questões de discutam os termos da cibercultura, netnografia e etnografia virtual. No processo da pesquisa as possibilidades que se abrem nem sempre são o objeto principal, mas se apresentam como um foco significante e não podem ser desprezados. Dessa forma fui provocada a refletir sobre as questões teóricas e metodológicas da pesquisa que se realiza no meio virtual, envolvendo questões e/ou dados advindos principalmente das redes e mídias sociais. Durante o Tempo do Círio de Nazaré em Belém-PA são ativados pelo menos dois aplicativos para celular que foram criados por instituições diferentes e que tem como principal objetivo informar a localização da berlinda da Santa, o que é feito através de um localizador georreferenciado que em tempo real mantem informado os usuários sobre onde se encontra a Santa durante dez procissões que no total somam cerca de 129 quilômetros de percurso. O aplicativo mais famoso chama-se ?Kd a Berlinda?? e é disponibilizado gratuitamente aos usuários. Nas redes sociais especialmente o Facebook os perfis dos paraenses ficam repletos de imagens e textos que fazem referência direta ao ritual pelo qual a cidade está imersa. Eles se referem aos ?encontros? com a santinha ou a Nazinha durante suas andanças, a mudança no ritmo da cidade, a chegada de paraenses que moram longe, de amigos, parentes e turistas, a preparação das comidas são algumas das quase incontáveis formas com que o Círio se atrela a vida dos paraenses nesse período. A partir dessa intensa participação virtual dos devotos na internet e com a proliferação de imagens relacionadas ao Círio de Nazaré foi realizado um documentário colaborativo em que as imagens utilizadas vieram dos vídeos postados no Facebook com a hastag #meucirioeassim. Essas são as questões principais a serem tratadas neste work buscando a partir do percurso da pesquisa propor e compartilhar reflexões sobre questões teóricas e metodológicas da busca do ethos da religiosidade paraense através do que há na cibercultura sobre o Círio de Nazaré de Belém-PA.
Trabalho completo

Cortes nas Redes: convivendo com automutiladores em seus ciberbastidores
Autoria: Everton de Lima Silva
A automutilação, também chamada de cutting, que consiste no ato de se cortar praticado por alguns indivíduos em sua maioria adolescentes e jovens, é uma prática que ocorre secretamente. As pessoas que se cortam desenvolvem diversas táticas no intuito de que não sejam descobertas por pessoas que, no entender delas, não seriam as mais indicadas para terem acesso a este tipo de informação. Mas, o fato de a automutilação ser uma prática realizada em segredo não implica dizer que ela não seja compartilhada, debatida, desejada ou até mesmo rechaçada pelos seus adeptos. Restrita com frequência aos bastidores da vida social (Goffman, 1985), a automutilação se revela nas redes sociais, que podem ser vistas como ciberbastidores. Deste modo, o pesquisador que persegue um tema pautado pelo segredo, pelo ocultamento e pela privacidade encontra, nas redes sociais, o único ambiente possível para praticar etnografia. Meu objetivo nesta apresentação é o de relatar minha experiência de aprendizado sobre automutilação nas redes sociais, o que gera um debate sobre a viabilidade de se fazer pesquisa nestes espaços, ou mais especificamente remete aquilo que Rifiotis chama de ?disputas entre políticas etnográficas? (RIFIOTIS, 2014). O foco de minha discussão se dará acerca de minha participação em grupos do Whatsapp e Facebook

 ISBN: 978-65-87289-08-3

voltados para praticantes de automutilação. Estes grupos possuem uma dinâmica e maneira de se relacionar própria desses espaços, mas além disso também funcionam como refúgio e espaço de expressão para aqueles que têm como marca comum a prática de se cortar. Para tanto, parece-me que o uso do termo socialidade (WAGNER, 2010) tem sido teoricamente mais rentável para me referir ao tipo de contato que existe entre os sujeitos com os quais estudos a partir das redes sociais do que os conceitos de sociedade ou sociabilidade.
Trabalho completo

Junho de 2013: hiperetnografia de uma insurreição "invisível"
Autoria: Andrey Cordeiro Ferreira
O objetivo do presente work é, a partir da descrição de uma situação que qualificamos como insurrecional, Junho de 2013, apresentar uma experiência metodológica e teórica que denominamos de hiperetnografia. A proposta é incorporar na escrita etnográfica produtos e vozes expressos pela cibercultura, possibilitando assim um produto que não seja apenas textual, mas hipertextual. Ao mesmo tempo, uma situação insurrecional coloca em ação formas de poder simbólico e repressivo, bem como estratégias de resistência que são frequentemente invisibilizadas, especialmente aquelas que se articulam por meios da chamada cibercultura e por modos informais de organização, que escapam ao registro teórico-político dos grandes paradigmas das ciências sociais. Por isso, a mobilização de toda uma produção difusa de discursos e representações por meio da cibercultura, especialmente a autorepresentação por meio de videodocumentação realizada por meio do Youtube. Desse modo, a hiperetnografia é também uma estratégia de crítica: enquanto os discursos dominantes se pautam pela autoridade dos dados produzidos pel o Estado, pelos meios de comunicação de massa e organizações formais da sociedade civil, a hipertnografia recupera os discursos contestatórios que circulam no universo da cibercultura como discurso oculto. Ao mesmo tempo, conjugamos a descrição etnográfica, a partir do método de análise situacional, para compor o complexo quadro de relações entre cultura, sociedade e cibercultura, descrevendo os antagonismos e dinâmicas de relações sociais. Iremos apresentar então uma hiperetnografia dos protestos de Junho de 2013 na cidade do Rio de Janeiro, por ocasião da Copa das Confederações da FIFA, tentando apontar como uma metodologia etnográfica pode auxiliar na crítica dos discursos dominantes e sua forma de reprimir a pluralidade de vozes existentes numa situação insurrecional.
Trabalho completo

Mobilização étnica polonesa em redes sociotécnicas: processos de etnização em comunidades virtuais no ciberesço.
Autoria: Joab Monteiro de Sousa
A proposta desse work é de apresentar parte de uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Doutorado em Ciências Sociais/UFRN e tem por objetivo geral fazer aparecer mobilizações e expressões de etnicidade compartilhadas nas interações associativas entre descendentes de poloneses e demais dispositivos no âmbito ciberespaço. Em meio à observância da pesquisa etnográfica e da prática da observação participante em locais resultantes do fluxo migratório polonês no Brasil meridional e ambiências virtuais do ciberespaço desde 2009 tem sido possível efetivar um estudo acerca deste crescente e singular processo de etnização que perpassa ambiências locais e virtuais de forma coadunada. A partir do mapeamento e rastreamento de comunidades virtuais constituídas por tais descendentes no âmbito de redes sociais (facebook), entre outros actantes, à luz da Teoria do Ator-Rede, tem-se constatado, em conformidade com hipóteses já levantadas, que as atuações de cunho étnico polonês, sobretudo no âmbito do ciberespaço

 ISBN: 978-65-87289-08-3

mediante o uso de redes sociais, porém respaldadas em respectivas localidades de origem e/ou de participação, têm propiciado a emancipação e valorização de processos de etnização em redes sociotécnicas no âmbito local/global.
Trabalho completo

O ?paciente-informado?: uma etnografia das interações entre pessoas e conteúdos de saúde na web.
Autoria: Maria Elisa Máximo
O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa etnográfica que se debruçou sobre os processos de constituição de um fenômeno que tem sido chamado na literatura nacional e internacional de ?paciente informado? ou ?paciente expert?. O estudo foi realizado na cidade de Joinville, localizada ao sul do Brasil, entre os anos de 2013 e 2016. O acesso crescente aos conteúdos de saúde disponíveis na web vem ganhando destaque nas mídias e uma evidência disso é a consagração da expressão ?Dr. Google?. A pesquisa teve como principal propósito identificar como as pessoas buscam conteúdos de saúde na web, visando compreender possíveis reconfigurações nas relações entre ?pacientes?, profissionais de saúde e serviços. Perseguindo as condições para uma antropologia simétrica, a pesquisa se desenvolveu através do mapeamento de sites e portais em língua portuguesa que disponibilizam conteúdos específicos de saúde e de entrevistas com pessoas selecionadas através de redes pessoais de contatos. O enfoque foram as interações entre pessoas, sites, conteúdos disponíveis, ferramentas de busca, navegadores, softwares e aplicativos de acesso e navegação na web, computadores, dispositivos portáteis e uma infinidade de agentes que participam, cada vez mais, do nosso cotidiano. A pesquisa vem mostrando que, se por um lado, muitos atores do campo biomédico questionam sobre a confiabilidade dos conteúdos disponíveis, implicando em riscos de autodiagnósticos equivocados e preocupações infundadas, por outro lado, há quem reconheça as possibilidades oferecidas pela web para potencializar e horizontalizar a participação nas tomadas de decisões entre médicos e pacientes. A proposta foi a de seguir as redes e identificar as ações sem pressupor que sejam humanas ou não humanas para, no limite, perceber nas ações quem está fazendo fazer o quê. Nessa rede de relações e múltiplas agências encadeada entre pessoas, web, conteúdos, serviços de saúde dentre outros, percebem-se redefinições nos papéis usualmente desempenhados pelos diferentes agentes envolvidos no atendimento à saúde, bem como um processo de simetrização destas relações. Até o momento, o indicador mais significativo da configuração do "paciente-informado" é a possibilidade de "tomar para si" o poder da mediação. Mediar é, neste caso, ter ação sobre os critérios de seleção da informação, de escolha das condutas e, principalmente, ter ação sobre o próprio discurso médico que, até então, era lócus por excelência de produção de ?verdades?. Assim, um "paciente-informado" constitui-se como um ator-rede no sentido proposto por B. Latour: é um lugar do qual se atua e para onde converge uma multiplicidade de ações.

Propriedade intelectual e licenças de uso: desafios sobre direitos autorais no campo da cibercultura.
Autoria: Flora Rodrigues Gonçalves
O desenvolvimento e a popularização das tecnologias digitais mudaram a forma na qual se configura a questão dos direitos de autor dentro dos debates sobre a democratização da tecnologia, principalmente nos estudos antropológicos de ciência e tecnologia. As informações e redes digitais possibilitaram apropriações sobre obras e produções que forçaram a abertura de um tipo de discussão que levasse em consideração não somente o direito de autor, mas também suas mais recentes configurações de compartilhamento e troca.

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Porém, a discussão sobre autoria e seus pressupostos não apresenta um ponto de vista unificado. A categoria de propriedade intelectual, por exemplo, recentemente entrou em colapso diante de novas formas de apropriação intelectual feitas por movimentos tecnológicos, artísticos e culturais, sobretudo sob o mote da colaboratividade. A noção de autor - como ser individualizado e possuidor de direitos - agora assume o papel da autoria múltipla, ou do coletivo enquanto autor, ou ainda da ausência autoral: tanto o work intelectual artístico quanto as formas de criação passam por um processo que não possui um autor. O autor são muitos e são vários. É nesse sentido que, a partir dos diversos agenciamentos mobilizados dentro dessa ?nova? noção de autoria, propomos discutir um tipo específico de licença de uso ? o copyleft, e algumas de suas recentes apropriações, que problematizam licenças como o copyright, e propõem um outro modo de se pensar o direito autoral na modernidade. As controvérsias sócio técnicas levantadas e as discussões entre os porta-vozes se consolidam, sobretudo, em ambientes de rede, onde as licenças que diferem do padrão hegemônico são discutidas e modificadas.
Trabalho completo

A vontade de saber sociotécnico no contexto da prática etnográfica on e off-line: metodologias, possibilidades e desafios
Autoria: Amanda Karine Monteiro Lima, Francisco Alves Gomes, Edio Batista Barbosa.
Trata-se de um estudo sobre as estratégias etnográficas no campo do ciberespaço, tendo como ponto de partida as lan houses da cidade de Boa Vista-RR, localizada no extremo norte do país, na fronteira Brasil e República Cooperativista da Guiana. O objetivo principal é apresentar e discutir os desafios e possibilidades da prática etnográfica frente a virilização das tecnologias digitais e de uma forma contemporânea de interação pautada no trinômio indivíduo/computador/internet, no contexto da lan house e do ciberespaço, tendo em vista a dicotomia on-line e off-line e as controvérsias antropológicas face a utilização da etnografia e da Teoria Ator-Rede no âmbito da cibercultura. Para tanto, analisa-se as relações sociais estabelecidas nesses espaços da contemporaneidade, traçando-se o perfil dos frequentadores, tendo em vista caracterizar e comparar as relações sociais desenvolvidas nesses diferentes contextos, bem como compreender como os sujeitos relacionam-se entre si no palco da cibercultura, tendo por base a noção ator-rede (LATOUR, 2008), fazendo jus a vontade de saber sociotécnico (RIFIOTIS, 2012). No geral, enfatizamos, por meio de reflexões teóricas e metodológicas, as observações feitas acerca dos objetivos, interesses, linguagens e comportamentos nos espaços lan houses, enquanto porta de entrada para a cibercultura. Desse modo, o presente estudo aponta preliminarmente para a insurgência de uma prática etnográfica menos convencional e interpretativa face aos novos arranjos da vida social no ciberespaço, tendo em vista a necessidade de readequação da descrição densa de Geertz em uma atividade descritiva desenhada em uma cadeia de vinculações em que os agentes se inscrevem no fluxo de sua própria atuação.
Trabalho completo

Museu das Coisas Banais (MCB) ativa a oralidade na rede para a preservação e compartilhamento de memórias.
Autoria: Rafael Teixeira Chaves, Rafael Teixeira Chaves Juliane Conceição Primon Serres Daniele Borges Bezerra
O Museu das Coisas Banais, é um cibermuseu que atua na salvaguarda e compartilhamento da memória social de cunho afetivo. Seu acervo, formado por fotografías e narrativas, explicitam as memórias atreladas aos objetos fotografados. Estes objetos comuns são ressignificados pela narrativa do seu doador, que lhe confere importância no tempo. Tornam-se objetos biográficos e evocadores de memórias, facilitadores da

 ISBN: 978-65-87289-08-3

> oralidade e da transmissão de memórias privadas, muitas vezes circunscritas ao ambiente familiar.

OF 04. Oficina de autoetnografia

Coordenador(es):
Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama (UFRGS)

Ministrantes:
Sessão 1:
Gustavo Antonio Raimondi (UFU)
Sessão 2:
Anahi Guedes de Mello (UFSC)
Sessão 3:
Nelson Filice de Barros (Unicamp)

Experimentações com a escrita, a coleta de dados etnográficos e a forma de construir problemas de pesquisa são algumas das características das autoetnografias, que buscam abordar temas tidos como difíceis de serem apreendidos. Nelas, a subjetividade não precisa ser camuflada: é a partir dela que o conhecimento é produzido. Nega-se a neutralidade ou objetividade na produção de conhecimentos. Sua metodologia é engajada, crítica, política e emotiva. Neste sentido, esta oficina visa oferecer um espaço criativo para exploração de trabalhos que falem de si e foquem em experiências corporificadas. No primeiro dia, apresentaremos os debates teóricos e abordagens metodológico-conceituais da autoetnografia. Serão abordadas experiências narrativas, visuais, sonoras, entre outras. O segundo dia será dedicado a leituras de autoetnografias já publicadas em português, focando diferentes formas escritas e performáticas. Trabalharemos a exposição de vulnerabilidades, temas silenciados, invisibilizados ou pouco abordados nas discussões acadêmicas, refletindo sobre a potência do duplo vínculo da pessoa que é ao mesmo tempo pesquisadora e “nativa”. O terceiro dia será dedicado à problematização da produção autoetnográfica, ao estranhamento desse modo de produzir conhecimento e às ressonâncias que tais produções tiveram nas/os participantes da oficina. A oficina acontecerá de forma sequenciada e é imprescindível a presença da/o participante nos três dias.

OF 05. Juventudes em movimento: vivências na cultura e no esporte

Coordenador(es):
Naara Lúcia de Albuquerque Luna (DCS e PPGCS/UFRRJ)
Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF)

Ministrantes:
Sessão 1:
Guilhermo André Aderaldo (Ufpel)
Sessão 2:
Ilana Strozenberg (UFRJ)

A proposta desta oficina aberta, cujo público alvo são os próprios jovens – estudantes de ensino médio,

 ISBN: 978-65-87289-08-3

preferencialmente – é possibilitar experiências de troca com os próprios jovens do que se tem sido produzido na antropologia assim como, promover o diálogo sobre a produção da antropologia com os que estão em processo de escolha profissional a partir rodas de conversa: duas tratando de produção cultural da juventude, especialmente na periferia, e uma última sobre aspectos socioculturais do esporte.

#meucirioeassim: questões da pesquisa sobre o Círio de Nazaré de Belém-PA e as mídias e redes sociais

Autoria: Mariana Pamplona Ximenes Ponte

Ao desenvolver a pesquisa sobre a Religiosidade Paraense a partir da Fresta-ritual do Círio de Nazaré de Belém-PA inesperadamente os rumos a partir da chuva evidente de dados impôs a inclusão de reflexões acerca das mídias e redes sociais como meios de práticas e modos de expressão cultural, devocional e identitária a partir dessa festa ora definida como Carnaval Devoto e que possui caráter Rizomático na cultura paraense. A proposta deste work é compartilhar reflexões, elaborações e questionamentos acerca da etnografia no campo das relações sociais intercedidas por meios eletrônicos, inclusive levantando questões de discutam os termos da cibercultura, netnografia e etnografia virtual. No processo da pesquisa as possibilidades que se abrem nem sempre são o objeto principal, mas se apresentam como um foco significante e não podem ser desprezados. Dessa forma fui provocada a refletir sobre as questões teóricas e metodológicas da pesquisa que se realiza no meio virtual, envolvendo questões e/ou dados advindos principalmente das redes e mídias sociais. Durante o Tempo do Círio de Nazaré em Belém-PA são ativados pelo menos dois aplicativos para celular que foram criados por instituições diferentes e que tem como principal objetivo informar a localização da berlinda da Santa, o que é feito através de um localizador georreferenciado que em tempo real mantem informado os usuários sobre onde se encontra a Santa durante dez procissões que no total somam cerca de 129 quilômetros de percurso. O aplicativo mais famoso chama-se ?Kd a Berlinda?? e é disponibilizado gratuitamente aos usuários. Nas redes sociais especialmente o Facebook os perfis dos paraenses ficam repletos de imagens e textos que fazem referência direta ao ritual pelo qual a cidade está imersa. Eles se referem aos ?encontros? com a santinha ou a Nazinha durante suas andanças, a mudança no ritmo da cidade, a chegada de paraenses que moram longe, de amigos, parentes e turistas, a preparação das comidas são algumas das quase incontáveis formas com que o Círio se atrela a vida dos paraenses nesse período. A partir dessa intensa participação virtual dos devotos na internet e com a proliferação de imagens relacionadas ao Círio de Nazaré foi realizado um documentário colaborativo em que as imagens utilizadas vieram dos vídeos postados no Facebook com a hastag #meucirioeassim. Essas são as questões principais a serem tratadas neste work buscando a partir do percurso da pesquisa propor e compartilhar reflexões sobre questões teóricas e metodológicas da busca do ethos da religiosidade paraense através do que há na cibercultura sobre o Círio de Nazaré de Belém-PA.

Trabalho completo

Cortes nas Redes: convivendo com automutiladores em seus ciberbastidores

Autoria: Everton de Lima Silva

A automutilação, também chamada de cutting, que consiste no ato de se cortar praticado por alguns indivíduos em sua maioria adolescentes e jovens, é uma prática que ocorre secretamente. As pessoas que se cortam desenvolvem diversas táticas no intuito de que não sejam descobertas por pessoas que, no entender delas, não seriam as mais indicadas para terem acesso a este tipo de informação. Mas, o fato de a automutilação ser uma prática realizada em segredo não implica dizer que ela não seja compartilhada, debatida, desejada ou até mesmo rechaçada pelos seus adeptos. Restrita com frequência aos bastidores da

 ISBN: 978-65-87289-08-3

vida social (Goffman, 1985), a automutilação se revela nas redes sociais, que podem ser vistas como ciberbastidores. Deste modo, o pesquisador que persegue um tema pautado pelo segredo, pelo ocultamento e pela privacidade encontra, nas redes sociais, o único ambiente possível para praticar etnografia. Meu objetivo nesta apresentação é o de relatar minha experiência de aprendizado sobre automutilação nas redes sociais, o que gera um debate sobre a viabilidade de se fazer pesquisa nestes espaços, ou mais especificamente remete aquilo que Rifiotis chama de ?disputas entre políticas etnográficas? (RIFIOTIS, 2014). O foco de minha discussão se dará acerca de minha participação em grupos do Whatsapp e Facebook voltados para praticantes de automutilação. Estes grupos possuem uma dinâmica e maneira de se relacionar própria desses espaços, mas além disso também funcionam como refúgio e espaço de expressão para aqueles que têm como marca comum a prática de se cortar. Para tanto, parece-me que o uso do termo socialidade (WAGNER, 2010) tem sido teoricamente mais rentável para me referir ao tipo de contato que existe entre os sujeitos com os quais estudos a partir das redes sociais do que os conceitos de sociedade ou sociabilidade.
Trabalho completo

Junho de 2013: hiperetnografia de uma insurreição "invisível"
Autoria: Andrey Cordeiro Ferreira
O objetivo do presente work é, a partir da descrição de uma situação que qualificamos como insurrecional, Junho de 2013, apresentar uma experiência metodológica e teórica que denominamos de hiperetnografia. A proposta é incorporar na escrita etnográfica produtos e vozes expressos pela cibercultura, possibilitando assim um produto que não seja apenas textual, mas hipertextual. Ao mesmo tempo, uma situação insurrecional coloca em ação formas de poder simbólico e repressivo, bem como estratégias de resistência que são frequentemente invisibilizadas, especialmente aquelas que se articulam por meios da chamada cibercultura e por modos informais de organização, que escapam ao registro teórico-político dos grandes paradigmas das ciências sociais. Por isso, a mobilização de toda uma produção difusa de discursos e representações por meio da cibercultura, especialmente a autorepresentação por meio de videodocumentação realizada por meio do Youtube. Desse modo, a hiperetnografia é também uma estratégia de crítica: enquanto os discursos dominantes se pautam pela autoridade dos dados produzidos pel o Estado, pelos meios de comunicação de massa e organizações formais da sociedade civil, a hipertnografia recupera os discursos contestatórios que circulam no universo da cibercultura como discurso oculto. Ao mesmo tempo, conjugamos a descrição etnográfica, a partir do método de análise situacional, para compor o complexo quadro de relações entre cultura, sociedade e cibercultura, descrevendo os antagonismos e dinâmicas de relações sociais. Iremos apresentar então uma hiperetnografia dos protestos de Junho de 2013 na cidade do Rio de Janeiro, por ocasião da Copa das Confederações da FIFA, tentando apontar como uma metodologia etnográfica pode auxiliar na crítica dos discursos dominantes e sua forma de reprimir a pluralidade de vozes existentes numa situação insurrecional.
Trabalho completo

Mobilização étnica polonesa em redes sociotécnicas: processos de etnização em comunidades virtuais no ciberesço.
Autoria: Joab Monteiro de Sousa
A proposta desse work é de apresentar parte de uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Doutorado em Ciências Sociais/UFRN e tem por objetivo geral fazer aparecer mobilizações e expressões de etnicidade compartilhadas nas interações associativas entre descendentes de poloneses e demais

 ISBN: 978-65-87289-08-3

dispositivos no âmbito ciberespaço. Em meio à observância da pesquisa etnográfica e da prática da observação participante em locais resultantes do fluxo migratório polonês no Brasil meridional e ambiências virtuais do ciberespaço desde 2009 tem sido possível efetivar um estudo acerca deste crescente e singular processo de etnização que perpassa ambiências locais e virtuais de forma coadunada. A partir do mapeamento e rastreamento de comunidades virtuais constituídas por tais descendentes no âmbito de redes sociais (facebook), entre outros actantes, à luz da Teoria do Ator-Rede, tem-se constatado, em conformidade com hipóteses já levantadas, que as atuações de cunho étnico polonês, sobretudo no âmbito do ciberespaço mediante o uso de redes sociais, porém respaldadas em respectivas localidades de origem e/ou de participação, têm propiciado a emancipação e valorização de processos de etnização em redes sociotécnicas no âmbito local/global.
Trabalho completo

O ?paciente-informado?: uma etnografia das interações entre pessoas e conteúdos de saúde na web.
Autoria: Maria Elisa Máximo
O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa etnográfica que se debruçou sobre os processos de constituição de um fenômeno que tem sido chamado na literatura nacional e internacional de ?paciente informado? ou ?paciente expert?. O estudo foi realizado na cidade de Joinville, localizada ao sul do Brasil, entre os anos de 2013 e 2016. O acesso crescente aos conteúdos de saúde disponíveis na web vem ganhando destaque nas mídias e uma evidência disso é a consagração da expressão ?Dr. Google?. A pesquisa teve como principal propósito identificar como as pessoas buscam conteúdos de saúde na web, visando compreender possíveis reconfigurações nas relações entre ?pacientes?, profissionais de saúde e serviços. Perseguindo as condições para uma antropologia simétrica, a pesquisa se desenvolveu através do mapeamento de sites e portais em língua portuguesa que disponibilizam conteúdos específicos de saúde e de entrevistas com pessoas selecionadas através de redes pessoais de contatos. O enfoque foram as interações entre pessoas, sites, conteúdos disponíveis, ferramentas de busca, navegadores, softwares e aplicativos de acesso e navegação na web, computadores, dispositivos portáteis e uma infinidade de agentes que participam, cada vez mais, do nosso cotidiano. A pesquisa vem mostrando que, se por um lado, muitos atores do campo biomédico questionam sobre a confiabilidade dos conteúdos disponíveis, implicando em riscos de autodiagnósticos equivocados e preocupações infundadas, por outro lado, há quem reconheça as possibilidades oferecidas pela web para potencializar e horizontalizar a participação nas tomadas de decisões entre médicos e pacientes. A proposta foi a de seguir as redes e identificar as ações sem pressupor que sejam humanas ou não humanas para, no limite, perceber nas ações quem está fazendo fazer o quê. Nessa rede de relações e múltiplas agências encadeada entre pessoas, web, conteúdos, serviços de saúde dentre outros, percebem-se redefinições nos papéis usualmente desempenhados pelos diferentes agentes envolvidos no atendimento à saúde, bem como um processo de simetrização destas relações. Até o momento, o indicador mais significativo da configuração do "paciente-informado" é a possibilidade de "tomar para si" o poder da mediação. Mediar é, neste caso, ter ação sobre os critérios de seleção da informação, de escolha das condutas e, principalmente, ter ação sobre o próprio discurso médico que, até então, era lócus por excelência de produção de ?verdades?. Assim, um "paciente-informado" constitui-se como um ator-rede no sentido proposto por B. Latour: é um lugar do qual se atua e para onde converge uma multiplicidade de ações.

Propriedade intelectual e licenças de uso: desafios sobre direitos autorais no campo da

 ISBN: 978-65-87289-08-3

cibercultura.

Autoria: Flora Rodrigues Gonçalves

O desenvolvimento e a popularização das tecnologias digitais mudaram a forma na qual se configura a questão dos direitos de autor dentro dos debates sobre a democratização da tecnologia, principalmente nos estudos antropológicos de ciência e tecnologia. As informações e redes digitais possibilitaram apropriações sobre obras e produções que forçaram a abertura de um tipo de discussão que levasse em consideração não somente o direito de autor, mas também suas mais recentes configurações de compartilhamento e troca. Porém, a discussão sobre autoria e seus pressupostos não apresenta um ponto de vista unificado. A categoria de propriedade intelectual, por exemplo, recentemente entrou em colapso diante de novas formas de apropriação intelectual feitas por movimentos tecnológicos, artísticos e culturais, sobretudo sob o mote da colaboratividade. A noção de autor - como ser individualizado e possuidor de direitos - agora assume o papel da autoria múltipla, ou do coletivo enquanto autor, ou ainda da ausência autoral: tanto o work intelectual artístico quanto as formas de criação passam por um processo que não possui um autor. O autor são muitos e são vários. É nesse sentido que, a partir dos diversos agenciamentos mobilizados dentro dessa ?nova? noção de autoria, propomos discutir um tipo específico de licença de uso ? o copyleft, e algumas de suas recentes apropriações, que problematizam licenças como o copyright, e propõem um outro modo de se pensar o direito autoral na modernidade. As controvérsias sócio técnicas levantadas e as discussões entre os porta-vozes se consolidam, sobretudo, em ambientes de rede, onde as licenças que diferem do padrão hegemônico são discutidas e modificadas.

Trabalho completo

A vontade de saber sociotécnico no contexto da prática etnográfica on e off-line: metodologias, possibilidades e desafios

Autoria: Amanda Karine Monteiro Lima, Francisco Alves Gomes, Edio Batista Barbosa.

Trata-se de um estudo sobre as estratégias etnográficas no campo do ciberespaço, tendo como ponto de partida as lan houses da cidade de Boa Vista-RR, localizada no extremo norte do país, na fronteira Brasil e República Cooperativista da Guiana. O objetivo principal é apresentar e discutir os desafios e possibilidades da prática etnográfica frente a virilização das tecnologias digitais e de uma forma contemporânea de interação pautada no trinômio indivíduo/computador/internet, no contexto da lan house e do ciberespaço, tendo em vista a dicotomia on-line e off-line e as controvérsias antropológicas face a utilização da etnografia e da Teoria Ator-Rede no âmbito da cibercultura. Para tanto, analisa-se as relações sociais estabelecidas nesses espaços da contemporaneidade, traçando-se o perfil dos frequentadores, tendo em vista caracterizar e comparar as relações sociais desenvolvidas nesses diferentes contextos, bem como compreender como os sujeitos relacionam-se entre si no palco da cibercultura, tendo por base a noção ator-rede (LATOUR, 2008), fazendo jus a vontade de saber sociotécnico (RIFIOTIS, 2012). No geral, enfatizamos, por meio de reflexões teóricas e metodológicas, as observações feitas acerca dos objetivos, interesses, linguagens e comportamentos nos espaços lan houses, enquanto porta de entrada para a cibercultura. Desse modo, o presente estudo aponta preliminarmente para a insurgência de uma prática etnográfica menos convencional e interpretativa face aos novos arranjos da vida social no ciberespaço, tendo em vista a necessidade de readequação da descrição densa de Geertz em uma atividade descritiva desenhada em uma cadeia de vinculações em que os agentes se inscrevem no fluxo de sua própria atuação.

Trabalho completo

Museu das Coisas Banais (MCB) ativa a oralidade na rede para a preservação e

 ISBN: 978-65-87289-08-3

compartilhamento de memórias.
Autoria: Rafael Teixeira Chaves, Rafael Teixeira Chaves Juliane Conceição Primon Serres Daniele Borges Bezerra
O Museu das Coisas Banais, é um cibermuseu que atua na salvaguarda e compartilhamento da memória social de cunho afetivo. Seu acervo, formado por fotografías e narrativas, explicitam as memórias atreladas aos objetos fotografados. Estes objetos comuns são ressignificados pela narrativa do seu doador, que lhe confere importância no tempo. Tornam-se objetos biográficos e evocadores de memórias, facilitadores da oralidade e da transmissão de memórias privadas, muitas vezes circunscritas ao ambiente familiar.

OF 06. Ciganos em Perspectivas

Coordenador(es):
Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (UFRN)
Mirian Alves de Souza (UFF)

Ministrantes:
Sessão 1:
Jamilly Rodrigues da Cunha
Sessão 2:
Renan Jacinto Monteiro (Freela)
Sessão 3:
Mirian Alves de Souza (UFF)

A proposição desta oficina surge do desejo de apresentar e discutir resultados das pesquisas empíricas que, no campo da antropologia, focalizam comunidades ciganas no Brasil e no exterior. Os ciganos representam um dos maiores grupos étnicos na Europa e estão presentes em todos os países, membros da União Europeia. Embora não existam dados demográficos confiáveis, uma vez que a “identidade cigana” não é necessariamente reconhecida por todos os censos nacionais, pesquisas informam a presença de ciganos em todos os continentes, em países como Brasil, Argentina, Colômbia, México, Canadá, Estados Unidos, Austrália, Iraque, Egito e Jordânia. As activitys que compõem esta oficina visam explorar a partir de recursos áudio visual e do material etnográfico das proponentes, questões relacionadas às pesquisas que deram origem a etnografias que problematizam políticas e dados oficiais apresentados sobre os ciganos; que pensam os aspectos de contraste entre ciganos e não-ciganos a partir de questões práticas, abordando geração, gênero, performance e negociações, e que questionam conceitos e categorias usualmente definidas para se referir e pesquisar ciganos. Além disso, a oficina pretender envolver a participação de ativistas, que se propõe a explorar o protagonismo cigano e pesquisadores que trabalham com temáticas transversais aos estudos ciganos.

#meucirioeassim: questões da pesquisa sobre o Círio de Nazaré de Belém-PA e as mídias e redes sociais
Autoria: Mariana Pamplona Ximenes Ponte
Ao desenvolver a pesquisa sobre a Religiosidade Paraense a partir da Fresta-ritual do Círio de Nazaré de Belém-PA inesperadamente os rumos a partir da chuva evidente de dados impôs a inclusão de reflexões acerca das mídias e redes sociais como meios de práticas e modos de expressão cultural, devocional e identitária a partir dessa festa ora definida como Carnaval Devoto e que possui caráter Rizomático na cultura

 ISBN: 978-65-87289-08-3

paraense. A proposta deste work é compartilhar reflexões, elaborações e questionamentos acerca da etnografia no campo das relações sociais intercedidas por meios eletrônicos, inclusive levantando questões de discutam os termos da cibercultura, netnografia e etnografia virtual. No processo da pesquisa as possibilidades que se abrem nem sempre são o objeto principal, mas se apresentam como um foco significante e não podem ser desprezados. Dessa forma fui provocada a refletir sobre as questões teóricas e metodológicas da pesquisa que se realiza no meio virtual, envolvendo questões e/ou dados advindos principalmente das redes e mídias sociais. Durante o Tempo do Círio de Nazaré em Belém-PA são ativados pelo menos dois aplicativos para celular que foram criados por instituições diferentes e que tem como principal objetivo informar a localização da berlinda da Santa, o que é feito através de um localizador georreferenciado que em tempo real mantem informado os usuários sobre onde se encontra a Santa durante dez procissões que no total somam cerca de 129 quilômetros de percurso. O aplicativo mais famoso chama-se ?Kd a Berlinda?? e é disponibilizado gratuitamente aos usuários. Nas redes sociais especialmente o Facebook os perfis dos paraenses ficam repletos de imagens e textos que fazem referência direta ao ritual pelo qual a cidade está imersa. Eles se referem aos ?encontros? com a santinha ou a Nazinha durante suas andanças, a mudança no ritmo da cidade, a chegada de paraenses que moram longe, de amigos, parentes e turistas, a preparação das comidas são algumas das quase incontáveis formas com que o Círio se atrela a vida dos paraenses nesse período. A partir dessa intensa participação virtual dos devotos na internet e com a proliferação de imagens relacionadas ao Círio de Nazaré foi realizado um documentário colaborativo em que as imagens utilizadas vieram dos vídeos postados no Facebook com a hastag #meucirioeassim. Essas são as questões principais a serem tratadas neste work buscando a partir do percurso da pesquisa propor e compartilhar reflexões sobre questões teóricas e metodológicas da busca do ethos da religiosidade paraense através do que há na cibercultura sobre o Círio de Nazaré de Belém-PA.
Trabalho completo

Cortes nas Redes: convivendo com automutiladores em seus ciberbastidores
Autoria: Everton de Lima Silva
A automutilação, também chamada de cutting, que consiste no ato de se cortar praticado por alguns indivíduos em sua maioria adolescentes e jovens, é uma prática que ocorre secretamente. As pessoas que se cortam desenvolvem diversas táticas no intuito de que não sejam descobertas por pessoas que, no entender delas, não seriam as mais indicadas para terem acesso a este tipo de informação. Mas, o fato de a automutilação ser uma prática realizada em segredo não implica dizer que ela não seja compartilhada, debatida, desejada ou até mesmo rechaçada pelos seus adeptos. Restrita com frequência aos bastidores da vida social (Goffman, 1985), a automutilação se revela nas redes sociais, que podem ser vistas como ciberbastidores. Deste modo, o pesquisador que persegue um tema pautado pelo segredo, pelo ocultamento e pela privacidade encontra, nas redes sociais, o único ambiente possível para praticar etnografia. Meu objetivo nesta apresentação é o de relatar minha experiência de aprendizado sobre automutilação nas redes sociais, o que gera um debate sobre a viabilidade de se fazer pesquisa nestes espaços, ou mais especificamente remete aquilo que Rifiotis chama de ?disputas entre políticas etnográficas? (RIFIOTIS, 2014). O foco de minha discussão se dará acerca de minha participação em grupos do Whatsapp e Facebook voltados para praticantes de automutilação. Estes grupos possuem uma dinâmica e maneira de se relacionar própria desses espaços, mas além disso também funcionam como refúgio e espaço de expressão para aqueles que têm como marca comum a prática de se cortar. Para tanto, parece-me que o uso do termo socialidade (WAGNER, 2010) tem sido teoricamente mais rentável para me referir ao tipo de contato que existe entre os sujeitos com os quais estudos a partir das redes sociais do que os conceitos de sociedade ou

 ISBN: 978-65-87289-08-3

sociabilidade.
Trabalho completo

Junho de 2013: hiperetnografia de uma insurreição "invisível"
Autoria: Andrey Cordeiro Ferreira
O objetivo do presente work é, a partir da descrição de uma situação que qualificamos como insurrecional, Junho de 2013, apresentar uma experiência metodológica e teórica que denominamos de hiperetnografia. A proposta é incorporar na escrita etnográfica produtos e vozes expressos pela cibercultura, possibilitando assim um produto que não seja apenas textual, mas hipertextual. Ao mesmo tempo, uma situação insurrecional coloca em ação formas de poder simbólico e repressivo, bem como estratégias de resistência que são frequentemente invisibilizadas, especialmente aquelas que se articulam por meios da chamada cibercultura e por modos informais de organização, que escapam ao registro teórico-político dos grandes paradigmas das ciências sociais. Por isso, a mobilização de toda uma produção difusa de discursos e representações por meio da cibercultura, especialmente a autorepresentação por meio de videodocumentação realizada por meio do Youtube. Desse modo, a hiperetnografia é também uma estratégia de crítica: enquanto os discursos dominantes se pautam pela autoridade dos dados produzidos pel o Estado, pelos meios de comunicação de massa e organizações formais da sociedade civil, a hipertnografia recupera os discursos contestatórios que circulam no universo da cibercultura como discurso oculto. Ao mesmo tempo, conjugamos a descrição etnográfica, a partir do método de análise situacional, para compor o complexo quadro de relações entre cultura, sociedade e cibercultura, descrevendo os antagonismos e dinâmicas de relações sociais. Iremos apresentar então uma hiperetnografia dos protestos de Junho de 2013 na cidade do Rio de Janeiro, por ocasião da Copa das Confederações da FIFA, tentando apontar como uma metodologia etnográfica pode auxiliar na crítica dos discursos dominantes e sua forma de reprimir a pluralidade de vozes existentes numa situação insurrecional.
Trabalho completo

Mobilização étnica polonesa em redes sociotécnicas: processos de etnização em comunidades virtuais no ciberesço.
Autoria: Joab Monteiro de Sousa
A proposta desse work é de apresentar parte de uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Doutorado em Ciências Sociais/UFRN e tem por objetivo geral fazer aparecer mobilizações e expressões de etnicidade compartilhadas nas interações associativas entre descendentes de poloneses e demais dispositivos no âmbito ciberespaço. Em meio à observância da pesquisa etnográfica e da prática da observação participante em locais resultantes do fluxo migratório polonês no Brasil meridional e ambiências virtuais do ciberespaço desde 2009 tem sido possível efetivar um estudo acerca deste crescente e singular processo de etnização que perpassa ambiências locais e virtuais de forma coadunada. A partir do mapeamento e rastreamento de comunidades virtuais constituídas por tais descendentes no âmbito de redes sociais (facebook), entre outros actantes, à luz da Teoria do Ator-Rede, tem-se constatado, em conformidade com hipóteses já levantadas, que as atuações de cunho étnico polonês, sobretudo no âmbito do ciberespaço mediante o uso de redes sociais, porém respaldadas em respectivas localidades de origem e/ou de participação, têm propiciado a emancipação e valorização de processos de etnização em redes sociotécnicas no âmbito local/global.
Trabalho completo

 ISBN: 978-65-87289-08-3

O ?paciente-informado?: uma etnografia das interações entre pessoas e conteúdos de saúde na web.

Autoria: Maria Elisa Máximo

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa etnográfica que se debruçou sobre os processos de constituição de um fenômeno que tem sido chamado na literatura nacional e internacional de ?paciente informado? ou ?paciente expert?. O estudo foi realizado na cidade de Joinville, localizada ao sul do Brasil, entre os anos de 2013 e 2016. O acesso crescente aos conteúdos de saúde disponíveis na web vem ganhando destaque nas mídias e uma evidência disso é a consagração da expressão ?Dr. Google?. A pesquisa teve como principal propósito identificar como as pessoas buscam conteúdos de saúde na web, visando compreender possíveis reconfigurações nas relações entre ?pacientes?, profissionais de saúde e serviços. Perseguindo as condições para uma antropologia simétrica, a pesquisa se desenvolveu através do mapeamento de sites e portais em língua portuguesa que disponibilizam conteúdos específicos de saúde e de entrevistas com pessoas selecionadas através de redes pessoais de contatos. O enfoque foram as interações entre pessoas, sites, conteúdos disponíveis, ferramentas de busca, navegadores, softwares e aplicativos de acesso e navegação na web, computadores, dispositivos portáteis e uma infinidade de agentes que participam, cada vez mais, do nosso cotidiano. A pesquisa vem mostrando que, se por um lado, muitos atores do campo biomédico questionam sobre a confiabilidade dos conteúdos disponíveis, implicando em riscos de autodiagnósticos equivocados e preocupações infundadas, por outro lado, há quem reconheça as possibilidades oferecidas pela web para potencializar e horizontalizar a participação nas tomadas de decisões entre médicos e pacientes. A proposta foi a de seguir as redes e identificar as ações sem pressupor que sejam humanas ou não humanas para, no limite, perceber nas ações quem está fazendo fazer o quê. Nessa rede de relações e múltiplas agências encadeada entre pessoas, web, conteúdos, serviços de saúde dentre outros, percebem-se redefinições nos papéis usualmente desempenhados pelos diferentes agentes envolvidos no atendimento à saúde, bem como um processo de simetrização destas relações. Até o momento, o indicador mais significativo da configuração do "paciente-informado" é a possibilidade de "tomar para si" o poder da mediação. Mediar é, neste caso, ter ação sobre os critérios de seleção da informação, de escolha das condutas e, principalmente, ter ação sobre o próprio discurso médico que, até então, era lócus por excelência de produção de ?verdades?. Assim, um "paciente-informado" constitui-se como um ator-rede no sentido proposto por B. Latour: é um lugar do qual se atua e para onde converge uma multiplicidade de ações.

Propriedade intelectual e licenças de uso: desafios sobre direitos autorais no campo da cibercultura.

Autoria: Flora Rodrigues Gonçalves

O desenvolvimento e a popularização das tecnologias digitais mudaram a forma na qual se configura a questão dos direitos de autor dentro dos debates sobre a democratização da tecnologia, principalmente nos estudos antropológicos de ciência e tecnologia. As informações e redes digitais possibilitaram apropriações sobre obras e produções que forçaram a abertura de um tipo de discussão que levasse em consideração não somente o direito de autor, mas também suas mais recentes configurações de compartilhamento e troca. Porém, a discussão sobre autoria e seus pressupostos não apresenta um ponto de vista unificado. A categoria de propriedade intelectual, por exemplo, recentemente entrou em colapso diante de novas formas de apropriação intelectual feitas por movimentos tecnológicos, artísticos e culturais, sobretudo sob o mote da colaboratividade. A noção de autor - como ser individualizado e possuidor de direitos - agora assume o papel da autoria múltipla, ou do coletivo enquanto autor, ou ainda da ausência autoral: tanto o work intelectual

 ISBN: 978-65-87289-08-3

artístico quanto as formas de criação passam por um processo que não possui um autor. O autor são muitos e são vários. É nesse sentido que, a partir dos diversos agenciamentos mobilizados dentro dessa ?nova? noção de autoria, propomos discutir um tipo específico de licença de uso ? o copyleft, e algumas de suas recentes apropriações, que problematizam licenças como o copyright, e propõem um outro modo de se pensar o direito autoral na modernidade. As controvérsias sócio técnicas levantadas e as discussões entre os porta-vozes se consolidam, sobretudo, em ambientes de rede, onde as licenças que diferem do padrão hegemônico são discutidas e modificadas.
Trabalho completo

A vontade de saber sociotécnico no contexto da prática etnográfica on e off-line: metodologias, possibilidades e desafios
Autoria: Amanda Karine Monteiro Lima, Francisco Alves Gomes, Edio Batista Barbosa.
Trata-se de um estudo sobre as estratégias etnográficas no campo do ciberespaço, tendo como ponto de partida as lan houses da cidade de Boa Vista-RR, localizada no extremo norte do país, na fronteira Brasil e República Cooperativista da Guiana. O objetivo principal é apresentar e discutir os desafios e possibilidades da prática etnográfica frente a virilização das tecnologias digitais e de uma forma contemporânea de interação pautada no trinômio indivíduo/computador/internet, no contexto da lan house e do ciberespaço, tendo em vista a dicotomia on-line e off-line e as controvérsias antropológicas face a utilização da etnografia e da Teoria Ator-Rede no âmbito da cibercultura. Para tanto, analisa-se as relações sociais estabelecidas nesses espaços da contemporaneidade, traçando-se o perfil dos frequentadores, tendo em vista caracterizar e comparar as relações sociais desenvolvidas nesses diferentes contextos, bem como compreender como os sujeitos relacionam-se entre si no palco da cibercultura, tendo por base a noção ator-rede (LATOUR, 2008), fazendo jus a vontade de saber sociotécnico (RIFIOTIS, 2012). No geral, enfatizamos, por meio de reflexões teóricas e metodológicas, as observações feitas acerca dos objetivos, interesses, linguagens e comportamentos nos espaços lan houses, enquanto porta de entrada para a cibercultura. Desse modo, o presente estudo aponta preliminarmente para a insurgência de uma prática etnográfica menos convencional e interpretativa face aos novos arranjos da vida social no ciberespaço, tendo em vista a necessidade de readequação da descrição densa de Geertz em uma atividade descritiva desenhada em uma cadeia de vinculações em que os agentes se inscrevem no fluxo de sua própria atuação.
Trabalho completo

Museu das Coisas Banais (MCB) ativa a oralidade na rede para a preservação e compartilhamento de memórias.
Autoria: Rafael Teixeira Chaves, Rafael Teixeira Chaves Juliane Conceição Primon Serres Daniele Borges Bezerra
O Museu das Coisas Banais, é um cibermuseu que atua na salvaguarda e compartilhamento da memória social de cunho afetivo. Seu acervo, formado por fotografías e narrativas, explicitam as memórias atreladas aos objetos fotografados. Estes objetos comuns são ressignificados pela narrativa do seu doador, que lhe confere importância no tempo. Tornam-se objetos biográficos e evocadores de memórias, facilitadores da oralidade e da transmissão de memórias privadas, muitas vezes circunscritas ao ambiente familiar.

OF 07. Reconstrução das Coleções Etnológicas do Museu Nacional

Coordenador(es):

 ISBN: 978-65-87289-08-3

João Pacheco de Oliveira Filho (Museu Nacional/UFRJ)
Tonico Benites (Prof. Tonico PPGSOF/ UFRR)

Ministrantes:
Sessão 1:
João Pacheco de Oliveira Filho (Museu Nacional/UFRJ)
Sessão 2:
Renata Curcio Valente (MUSEU NACIONAL UFRJ)
Sessão 3:
Tonico Benites (Prof. Tonico PPGSOF/ UFRR)

Objetivo: A oficina tem como finalidade promover um debate amplo no âmbito da RBA sobre as estratégias de reconstrução das coleções etnológicas do Museu Nacional, cujo acervo do século XIX e XX era uma fonte importante para a memória sobre os povos indígenas e o patrimônio cultural brasileiro, foi em grande parte destruído pelo incêndio de 2018. Tal projeto de reconstrução envolve profundamente os povos e organizações indígenas, em parcerias antigas (como o Museu Maguta dos Ticunas e o Museu Antropológico da UFG) e em muitas outras novas, contando com a adesão e o envolvimento de um conjunto de universidades, grupos de pesquisa e museus (no Brasil e no exterior). Considerando a centralidade de pesquisadores indígenas no colecionamento e curadoria das coleções etnológicas, a intenção da oficina é avançar no estabelecimento de formas concretas para essas colaborações, aprofundando dessa forma o debate sobre os modos de articulação entre os museus e o protagonismo indígena. Um outro foco de atenção será a discussão sobre coleções digitais, reunindo antropólogos, arqueólogos, historiadores, curadores e museólogos. Metodologia: A oficina terá uma dinâmica de três sessões: uma dedicada a apresentação das activitys e resultados alcançados no projeto de reconstrução em curso; a segunda as formas de continuar de implementar o protagonismo indígena na formação de coleções; e a terceira sessão, focalizando a temática da formação e uso de coleções digitais.

> **#meucirioeassim: questões da pesquisa sobre o Círio de Nazaré de Belém-PA e as mídias e redes sociais**
> **Autoria:** Mariana Pamplona Ximenes Ponte
> Ao desenvolver a pesquisa sobre a Religiosidade Paraense a partir da Fresta-ritual do Círio de Nazaré de Belém-PA inesperadamente os rumos a partir da chuva evidente de dados impôs a inclusão de reflexões acerca das mídias e redes sociais como meios de práticas e modos de expressão cultural, devocional e identitária a partir dessa festa ora definida como Carnaval Devoto e que possui caráter Rizomático na cultura paraense. A proposta deste work é compartilhar reflexões, elaborações e questionamentos acerca da etnografia no campo das relações sociais intercedidas por meios eletrônicos, inclusive levantando questões de discutam os termos da cibercultura, netnografia e etnografia virtual. No processo da pesquisa as possibilidades que se abrem nem sempre são o objeto principal, mas se apresentam como um foco significante e não podem ser desprezados. Dessa forma fui provocada a refletir sobre as questões teóricas e metodológicas da pesquisa que se realiza no meio virtual, envolvendo questões e/ou dados advindos principalmente das redes e mídias sociais. Durante o Tempo do Círio de Nazaré em Belém-PA são ativados pelo menos dois aplicativos para celular que foram criados por instituições diferentes e que tem como principal objetivo informar a localização da berlinda da Santa, o que é feito através de um localizador georreferenciado que em tempo real mantem informado os usuários sobre onde se encontra a Santa durante dez procissões que no total somam cerca de 129 quilômetros de percurso. O aplicativo mais famoso chama-

 ISBN: 978-65-87289-08-3

se ?Kd a Berlinda?? e é disponibilizado gratuitamente aos usuários. Nas redes sociais especialmente o Facebook os perfis dos paraenses ficam repletos de imagens e textos que fazem referência direta ao ritual pelo qual a cidade está imersa. Eles se referem aos ?encontros? com a santinha ou a Nazinha durante suas andanças, a mudança no ritmo da cidade, a chegada de paraenses que moram longe, de amigos, parentes e turistas, a preparação das comidas são algumas das quase incontáveis formas com que o Círio se atrela a vida dos paraenses nesse período. A partir dessa intensa participação virtual dos devotos na internet e com a proliferação de imagens relacionadas ao Círio de Nazaré foi realizado um documentário colaborativo em que as imagens utilizadas vieram dos vídeos postados no Facebook com a hastag #meucirioeassim. Essas são as questões principais a serem tratadas neste work buscando a partir do percurso da pesquisa propor e compartilhar reflexões sobre questões teóricas e metodológicas da busca do ethos da religiosidade paraense através do que há na cibercultura sobre o Círio de Nazaré de Belém-PA.
Trabalho completo

Cortes nas Redes: convivendo com automutiladores em seus ciberbastidores
Autoria: Everton de Lima Silva
A automutilação, também chamada de cutting, que consiste no ato de se cortar praticado por alguns indivíduos em sua maioria adolescentes e jovens, é uma prática que ocorre secretamente. As pessoas que se cortam desenvolvem diversas táticas no intuito de que não sejam descobertas por pessoas que, no entender delas, não seriam as mais indicadas para terem acesso a este tipo de informação. Mas, o fato de a automutilação ser uma prática realizada em segredo não implica dizer que ela não seja compartilhada, debatida, desejada ou até mesmo rechaçada pelos seus adeptos. Restrita com frequência aos bastidores da vida social (Goffman, 1985), a automutilação se revela nas redes sociais, que podem ser vistas como ciberbastidores. Deste modo, o pesquisador que persegue um tema pautado pelo segredo, pelo ocultamento e pela privacidade encontra, nas redes sociais, o único ambiente possível para praticar etnografia. Meu objetivo nesta apresentação é o de relatar minha experiência de aprendizado sobre automutilação nas redes sociais, o que gera um debate sobre a viabilidade de se fazer pesquisa nestes espaços, ou mais especificamente remete aquilo que Rifiotis chama de ?disputas entre políticas etnográficas? (RIFIOTIS, 2014). O foco de minha discussão se dará acerca de minha participação em grupos do Whatsapp e Facebook voltados para praticantes de automutilação. Estes grupos possuem uma dinâmica e maneira de se relacionar própria desses espaços, mas além disso também funcionam como refúgio e espaço de expressão para aqueles que têm como marca comum a prática de se cortar. Para tanto, parece-me que o uso do termo socialidade (WAGNER, 2010) tem sido teoricamente mais rentável para me referir ao tipo de contato que existe entre os sujeitos com os quais estudos a partir das redes sociais do que os conceitos de sociedade ou sociabilidade.
Trabalho completo

Junho de 2013: hiperetnografia de uma insurreição "invisível"
Autoria: Andrey Cordeiro Ferreira
O objetivo do presente work é, a partir da descrição de uma situação que qualificamos como insurrecional, Junho de 2013, apresentar uma experiência metodológica e teórica que denominamos de hiperetnografia. A proposta é incorporar na escrita etnográfica produtos e vozes expressos pela cibercultura, possibilitando assim um produto que não seja apenas textual, mas hipertextual. Ao mesmo tempo, uma situação insurrecional coloca em ação formas de poder simbólico e repressivo, bem como estratégias de resistência que são frequentemente invisibilizadas, especialmente aquelas que se articulam por meios da chamada

 ISBN: 978-65-87289-08-3

cibercultura e por modos informais de organização, que escapam ao registro teórico-político dos grandes paradigmas das ciências sociais. Por isso, a mobilização de toda uma produção difusa de discursos e representações por meio da cibercultura, especialmente a autorepresentação por meio de videodocumentação realizada por meio do Youtube. Desse modo, a hiperetnografia é também uma estratégia de crítica: enquanto os discursos dominantes se pautam pela autoridade dos dados produzidos pel o Estado, pelos meios de comunicação de massa e organizações formais da sociedade civil, a hipertnografia recupera os discursos contestatórios que circulam no universo da cibercultura como discurso oculto. Ao mesmo tempo, conjugamos a descrição etnográfica, a partir do método de análise situacional, para compor o complexo quadro de relações entre cultura, sociedade e cibercultura, descrevendo os antagonismos e dinâmicas de relações sociais. Iremos apresentar então uma hiperetnografia dos protestos de Junho de 2013 na cidade do Rio de Janeiro, por ocasião da Copa das Confederações da FIFA, tentando apontar como uma metodologia etnográfica pode auxiliar na crítica dos discursos dominantes e sua forma de reprimir a pluralidade de vozes existentes numa situação insurrecional.
Trabalho completo

Mobilização étnica polonesa em redes sociotécnicas: processos de etnização em comunidades virtuais no ciberesço.
Autoria: Joab Monteiro de Sousa
A proposta desse work é de apresentar parte de uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Doutorado em Ciências Sociais/UFRN e tem por objetivo geral fazer aparecer mobilizações e expressões de etnicidade compartilhadas nas interações associativas entre descendentes de poloneses e demais dispositivos no âmbito ciberespaço. Em meio à observância da pesquisa etnográfica e da prática da observação participante em locais resultantes do fluxo migratório polonês no Brasil meridional e ambiências virtuais do ciberespaço desde 2009 tem sido possível efetivar um estudo acerca deste crescente e singular processo de etnização que perpassa ambiências locais e virtuais de forma coadunada. A partir do mapeamento e rastreamento de comunidades virtuais constituídas por tais descendentes no âmbito de redes sociais (facebook), entre outros actantes, à luz da Teoria do Ator-Rede, tem-se constatado, em conformidade com hipóteses já levantadas, que as atuações de cunho étnico polonês, sobretudo no âmbito do ciberespaço mediante o uso de redes sociais, porém respaldadas em respectivas localidades de origem e/ou de participação, têm propiciado a emancipação e valorização de processos de etnização em redes sociotécnicas no âmbito local/global.
Trabalho completo

O ?paciente-informado?: uma etnografia das interações entre pessoas e conteúdos de saúde na web.
Autoria: Maria Elisa Máximo
O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa etnográfica que se debruçou sobre os processos de constituição de um fenômeno que tem sido chamado na literatura nacional e internacional de ?paciente informado? ou ?paciente expert?. O estudo foi realizado na cidade de Joinville, localizada ao sul do Brasil, entre os anos de 2013 e 2016. O acesso crescente aos conteúdos de saúde disponíveis na web vem ganhando destaque nas mídias e uma evidência disso é a consagração da expressão ?Dr. Google?. A pesquisa teve como principal propósito identificar como as pessoas buscam conteúdos de saúde na web, visando compreender possíveis reconfigurações nas relações entre ?pacientes?, profissionais de saúde e serviços. Perseguindo as condições para uma antropologia simétrica, a pesquisa se desenvolveu através do

 ISBN: 978-65-87289-08-3

mapeamento de sites e portais em língua portuguesa que disponibilizam conteúdos específicos de saúde e de entrevistas com pessoas selecionadas através de redes pessoais de contatos. O enfoque foram as interações entre pessoas, sites, conteúdos disponíveis, ferramentas de busca, navegadores, softwares e aplicativos de acesso e navegação na web, computadores, dispositivos portáteis e uma infinidade de agentes que participam, cada vez mais, do nosso cotidiano. A pesquisa vem mostrando que, se por um lado, muitos atores do campo biomédico questionam sobre a confiabilidade dos conteúdos disponíveis, implicando em riscos de autodiagnósticos equivocados e preocupações infundadas, por outro lado, há quem reconheça as possibilidades oferecidas pela web para potencializar e horizontalizar a participação nas tomadas de decisões entre médicos e pacientes. A proposta foi a de seguir as redes e identificar as ações sem pressupor que sejam humanas ou não humanas para, no limite, perceber nas ações quem está fazendo fazer o quê. Nessa rede de relações e múltiplas agências encadeada entre pessoas, web, conteúdos, serviços de saúde dentre outros, percebem-se redefinições nos papéis usualmente desempenhados pelos diferentes agentes envolvidos no atendimento à saúde, bem como um processo de simetrização destas relações. Até o momento, o indicador mais significativo da configuração do "paciente-informado" é a possibilidade de "tomar para si" o poder da mediação. Mediar é, neste caso, ter ação sobre os critérios de seleção da informação, de escolha das condutas e, principalmente, ter ação sobre o próprio discurso médico que, até então, era lócus por excelência de produção de ?verdades?. Assim, um "paciente-informado" constitui-se como um ator-rede no sentido proposto por B. Latour: é um lugar do qual se atua e para onde converge uma multiplicidade de ações.

Propriedade intelectual e licenças de uso: desafios sobre direitos autorais no campo da cibercultura.

Autoria: Flora Rodrigues Gonçalves

O desenvolvimento e a popularização das tecnologias digitais mudaram a forma na qual se configura a questão dos direitos de autor dentro dos debates sobre a democratização da tecnologia, principalmente nos estudos antropológicos de ciência e tecnologia. As informações e redes digitais possibilitaram apropriações sobre obras e produções que forçaram a abertura de um tipo de discussão que levasse em consideração não somente o direito de autor, mas também suas mais recentes configurações de compartilhamento e troca. Porém, a discussão sobre autoria e seus pressupostos não apresenta um ponto de vista unificado. A categoria de propriedade intelectual, por exemplo, recentemente entrou em colapso diante de novas formas de apropriação intelectual feitas por movimentos tecnológicos, artísticos e culturais, sobretudo sob o mote da colaboratividade. A noção de autor - como ser individualizado e possuidor de direitos - agora assume o papel da autoria múltipla, ou do coletivo enquanto autor, ou ainda da ausência autoral: tanto o work intelectual artístico quanto as formas de criação passam por um processo que não possui um autor. O autor são muitos e são vários. É nesse sentido que, a partir dos diversos agenciamentos mobilizados dentro dessa ?nova? noção de autoria, propomos discutir um tipo específico de licença de uso ? o copyleft, e algumas de suas recentes apropriações, que problematizam licenças como o copyright, e propõem um outro modo de se pensar o direito autoral na modernidade. As controvérsias sócio técnicas levantadas e as discussões entre os porta-vozes se consolidam, sobretudo, em ambientes de rede, onde as licenças que diferem do padrão hegemônico são discutidas e modificadas.

Trabalho completo

A vontade de saber sociotécnico no contexto da prática etnográfica on e off-line: metodologias, possibilidades e desafios

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Autoria: Amanda Karine Monteiro Lima, Francisco Alves Gomes, Edio Batista Barbosa.
Trata-se de um estudo sobre as estratégias etnográficas no campo do ciberespaço, tendo como ponto de partida as lan houses da cidade de Boa Vista-RR, localizada no extremo norte do país, na fronteira Brasil e República Cooperativista da Guiana. O objetivo principal é apresentar e discutir os desafios e possibilidades da prática etnográfica frente a virilização das tecnologias digitais e de uma forma contemporânea de interação pautada no trinômio indivíduo/computador/internet, no contexto da lan house e do ciberespaço, tendo em vista a dicotomia on-line e off-line e as controvérsias antropológicas face a utilização da etnografia e da Teoria Ator-Rede no âmbito da cibercultura. Para tanto, analisa-se as relações sociais estabelecidas nesses espaços da contemporaneidade, traçando-se o perfil dos frequentadores, tendo em vista caracterizar e comparar as relações sociais desenvolvidas nesses diferentes contextos, bem como compreender como os sujeitos relacionam-se entre si no palco da cibercultura, tendo por base a noção ator-rede (LATOUR, 2008), fazendo jus a vontade de saber sociotécnico (RIFIOTIS, 2012). No geral, enfatizamos, por meio de reflexões teóricas e metodológicas, as observações feitas acerca dos objetivos, interesses, linguagens e comportamentos nos espaços lan houses, enquanto porta de entrada para a cibercultura. Desse modo, o presente estudo aponta preliminarmente para a insurgência de uma prática etnográfica menos convencional e interpretativa face aos novos arranjos da vida social no ciberespaço, tendo em vista a necessidade de readequação da descrição densa de Geertz em uma atividade descritiva desenhada em uma cadeia de vinculações em que os agentes se inscrevem no fluxo de sua própria atuação.
Trabalho completo

Museu das Coisas Banais (MCB) ativa a oralidade na rede para a preservação e compartilhamento de memórias.
Autoria: Rafael Teixeira Chaves, Rafael Teixeira Chaves Juliane Conceição Primon Serres Daniele Borges Bezerra
O Museu das Coisas Banais, é um cibermuseu que atua na salvaguarda e compartilhamento da memória social de cunho afetivo. Seu acervo, formado por fotografías e narrativas, explicitam as memórias atreladas aos objetos fotografados. Estes objetos comuns são ressignificados pela narrativa do seu doador, que lhe confere importância no tempo. Tornam-se objetos biográficos e evocadores de memórias, facilitadores da oralidade e da transmissão de memórias privadas, muitas vezes circunscritas ao ambiente familiar.

ISBN: 978-65-87289-08-3

Realização:

Apoio:

Organização: